

# O intelectual no inferno

Prof. Ms. Henrique Roriz Aarestrup Alves

## Resumo

O intelectual no inferno resume o processo de Luís da Silva, em *Angústia*, assim como o do personagem principal de *Memórias do Cárcere*, pois, nessas obras de Graciliano Ramos, os dois protagonistas vivenciam ambientes onde imperam o sofrimento, o caos e a confusão. Luís da Silva mergulha profundamente nesse submundo, enquanto Graciliano personagem tenta entender e sentir a lógica da loucura. O resultado, em ambos os casos, é o embrutecimento e a impossibilidade de resgatar os sentimentos mais nobres, como a solidariedade e a compaixão. Pretende-se abordar, portanto, as questões do intelectual, que vivencia o seu verdadeiro e mais íntimo inferno contido nas incongruências e conflitos da vida em sociedade, e nas imagens distorcidas e deformadas de si próprio.

**Palavras-chave:** intelectual; identidade; inferno

## Abstract

The intellectual at hell synthesizes Luís da Silva's process in *Angústia*, just as the course of the principal character of *Memórias do Cárcere*, because, in these romances of Graciliano Ramos, the both protagonists live in environments full of suffering, chaos and confusion. Luís da Silva submerges deeply in this underworld, while the character Graciliano tries to understand and feels the logic of madness. The result, in both of these cases, is the brutalization and the impossibility of ransom the most noble feelings like solidarity and commiseration. This essay intends to approach, in this manner, the questions of the intellectual, who experiments his veridical and most internal hell, enclosed at incongruities and conflicts of the social life, and in the distorted and deformed images of himself.

**Key words:** intelectual, identity; hell

# Sobre o autor

**Henrique Roriz Aarestrup Alves**

Natural de Belo Horizonte - MG.

Licenciado em Letras (Língua Portuguesa e suas Literaturas) - UFMG.

Mestre em Letras - PUC-Minas.

Doutorado em Letras (em curso) - PUC-Minas.

Professor no UNIARAXÁ.

# O intelectual no inferno<sup>1</sup>

Prof. Ms. Henrique Roriz Aarestrup Alves

*"Por mim se vai ao círculo dolente, por mim se vai ao sofrimento eterno, por mim se vai à perdida gente. Justiça moveu meu alto fantor, criou-me a suprema Potestade, Suma Sapiência, Primeiro Amor. Antes, foram criadas apenas coisas eternas, eu, eternamente existo. Renunciai às esperanças, vós que entrais."*

Dante Alighieri

(A Divina Comédia, canto III, p. 31).

No romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, pode-se perceber um percurso intelectual que o personagem Luís da Silva desenvolve durante a narrativa, baseado em um processo contínuo de penetração em seu ambiente psíquico. O personagem mostra-se marcado fortemente por mazelas e misérias sociais no decorrer de sua vida, o que contribuiu para o surgimento de problemas afetivos e psicológicos, os quais influenciarão diretamente na sua maneira de agir e de perceber o mundo. Essa relação com a sociedade é construída de forma conflituosa, e parece aludir aos tormentos sofridos pelo ser humano nos domínios de um inferno no próprio mundo criado pelos homens.

As idéias dos séculos XVII e XVIII, surgidas na Inglaterra e França, de que o autêntico inferno é aquele regido pelas violentas desigualdades e injustiças sociais, parece aplicar-se à vida de Luís da Silva na sociedade de sua época. Seu processo nesse meio realiza-se de forma gradativa, e começa a desenvolver-se no momento em que o personagem entra em contato com os outros, cujos sentimentos afetivos mais nobres parecem relegados a segundo plano, como se pode observar em sua relação com Marina. As preocupações da personagem são as roupas, o enxoval, as necessidades materiais da noiva de classe alta que gostaria de ser, não importando os sentimentos por Luís. Isso se

confirma mais adiante, quando Marina troca Luís por Julião Tavares, um comerciante bem-sucedido, capaz de arcar financeiramente com seus desejos e caprichos burgueses. Mas a intenção de Julião Tavares parece ser apenas satisfazer-se sexualmente, alimentar seus desejos e impulsos mais primitivos. Isso se comprova quando o personagem engravida Marina e depois a abandona. Luís da Silva tenta também realizar seus desejos sexuais, mas Marina se nega a ele, que resolve, então, propor a relação permitida pelos padrões e regras sociais, ou seja, o casamento. Luís deixa fluir também seus desejos primitivos de satisfação e necessidades sexuais, como se pode observar na passagem abaixo:

O cochicho risonho afastava-se, chegava-me aos ouvidos, como o chiar de um rato, exatamente. Chiar de rato ou carne assada na grelha. Parecia-me que aquilo estava chiando dentro de mim, que a minha carne se assava e chiava. Os rãções vermelhos viravam-se para o outro lado. As biqueiras surgiam e avançavam. Lá vinham pedaços de canelas. As mãos puxavam a saia para trás, distinguam-se os joelhos e as coxas. Como vinha curvada para frente, a barriga desaparecia.[...] Foi assim que vi Marina entre as pestanas meio cerradas, como Berta me aparecia. As nádegas cresciam monstruosamente – e eu mal podia respirar. Se dona Adélia e Vitória viessem ali, veriam aquela armada: Marina despida, curvada para frente, mostrando um traseiro enorme. (RAMOS, 1983: 60-61).

Luís interessa-se inicialmente por Marina menos por sentimentos afetivos que por atração sexual. Assim sendo, o triângulo amoroso Luís, Marina e Julião Tavares reflete a animalização e o embrutecimento sofridos por indivíduos que lidam com suas sobras de virtudes humanas, em um ambiente social cujas relações são conflituosas e permeadas de jogos de poder e interesses. A sociedade adquire para Luís qualidades mundanas e infernais, como consequência dos tormentos criados pelos próprios homens.

Como um intelectual profissional e funcionário público, o personagem Luís da Silva tem sua voz enfraquecida diante da força avassaladora do sistema. A “voz” do Estado e dos valores capitalistas passa, muitas vezes, pela “fala” de Luís através de seus textos encomendados por figurões importantes da sociedade e pela própria repartição pública em que trabalha. Luís vende suas habilidades literárias e intelectuais para satisfa-

zer os interesses de uma elite dirigente, contribuindo, assim, para a manutenção da ordem e do “status quo”. Mas, de qualquer forma, o personagem não tinha muitas opções, e este “mercenarismo” intelectual se dá mais por sobrevivência, e não por sentir-se satisfeito com o sistema. Tudo isso parece incomodar profundamente Luís, que percebe as contradições e ambigüidades inerentes a essa vida de intelectual. Segundo Miceli,

Todos eles, contudo, acabaram se tornando modelo de excelência social da classe dirigente da época enquanto suas obras se converteram em paradigmas do pensamento político do país. (MICELI: 1979: 147)

Sendo assim, Luís, muitas vezes, convertia seus textos em “paradigmas do pensamento político do país”, ou seja, o personagem era obrigado a veicular em seus textos posturas políticas de acordo com a ideologia vigente, em concordância com a vontade e necessidade da classe dirigente da sociedade de sua época. Essa ambigüidade incomoda profundamente o personagem, que demonstra grandes dificuldades em aceitar uma postura submissa:

O meu desejo era desligar-me daquela gente, passar calado, carrancudo, as mãos nos bolsos, o chapéu embicado. Esforçava-me por me dedicar às minhas ocupações cacetes: **escrever elogios ao governo**, ler romances e arranjar uma opinião sobre eles. Não há maçada pior. A princípio a gente lê por gosto. Mas quando aquilo se torna obrigação e é preciso o sujeito dizer se a coisa é boa ou não é e porque, não há livro que não seja um estrupício. (RAMOS, 1983: 91). (Grifo meu).

O personagem ainda comenta:

Passei à toa pelas ruas, parando em frente às vitrinas, com a tentação de destruir os objetos expostos. As mulheres que ali estavam em pasmaceira, admirando aquelas porcarias, mereciam chicote. Fui ao jornal, li os telegramas. Eram notícias sem importância, mas julguei perceber nelas graves sintomas de decomposição social. (RAMOS, 1983: 81).

Luís não se adaptava bem às relações sociais e aos valores, pois a ideologia ali

veiculada era responsável enormemente pelo seu mal-estar psicológico e intelectual. Sua própria produção cultural resumia-se a esses trabalhos de encomenda, que sufocavam a verdadeira postura intelectual de Luís, abortando livros redigidos somente em sua imaginação. Enquanto isso, os poderosos firmavam-se como “donos” das atividades e recursos culturais, responsáveis por uma imagem de nação construída pelo próprio Estado. Julião Tavares ilustra bem esse processo, a partir do momento em que se constitui um representante da classe dirigente e do sistema em voga, com um discurso nacionalista e veiculador dos interesses da burguesia. Não é à toa que Luís antipatiza-se com Julião no início no romance.

A ideologia vigente faz os valores capitalistas do sistema parecerem uma verdade absoluta, ou seja, aos olhos da sociedade, Julião Tavares é considerado um homem respeitável e bem-sucedido por possuir uma situação financeira confortável e veicular os valores da classe dominante. Marina acredita encontrar-se no caminho da felicidade e da realização plena ao escolher um relacionamento amoroso com o comerciante, justamente por ter absorvido, - e por estar absorvida - completamente pelos valores burgueses. Luís da Silva, nesse processo, encontra-se deslocado, justamente por não compartilhar dos mesmos valores de Julião e Marina, ou seja, da sociedade de uma forma geral. Em seus pensamentos mais íntimos, o personagem questiona criticamente os meandros e desmandos da classe dirigente, adotando uma postura de insatisfação e inadaptação ao sistema. Seus sentimentos de agressividade substituem as afetividades que dão qualidades positivas a um ser humano dentro de um conjunto de valores morais, trilhando os primeiros passos do personagem rumo ao seu inferno psíquico. A aversão pela sociedade cresce paulatinamente no mundo interior de Luís, deformando-o ao contribuir para a perda das fronteiras que delimitam suas próprias referências de humanidade, restando ao personagem os humores de um monstro libertado de suas instâncias psicológicas mais íntimas. Suas relações sociais ficam comprometidas, pois Luís não mais se reconhece no “outro” como um ser humano, ou seja, ele passa a ver nas pessoas uma violência comum a todos e que se faz necessária para sua própria sobrevivência.

A perturbação psíquica de Luís caminha para o âmbito da loucura, e essa lógica encontra-se invertida ou diferente daquela considerada normal e que torna possível a

convivência social entre os indivíduos. A realidade psicológica do personagem leva-o a construir sua própria ética, onde o assassinato passa a ser permitido, mesmo como uma tentativa de catarse ou purificação para livrar-se de seus infortúnios e conflitos. Mas ao realizar o crime, na tentativa de “matar” seus “demônios”, o personagem é impelido ainda mais em direção a um mundo com características dantescas, justamente por ter cometido um assassinato, ato permitido apenas pela ética da loucura e do caos que regem seu psiquismo. De acordo com o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant,

O inferno é o estado da psique que, em sua luta pela sobrevivência, sucumbiu aos monstros interiores, seja por ter tentado recalca-los no inconsciente, seja porque aceitou identificar-se com eles numa perversão consciente. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988: 505).

Dessa forma, o personagem, depois do assassinato de Julião Tavares, mergulha definitivamente em sua danoção psíquica, justamente por ter sucumbido aos “monstros interiores” recalcados no seu inconsciente, mas que se encontram libertos em sua mente. Luís da Silva identifica-se com esses “seres”, ou com o próprio demônio que tenta matar dentro de si, pois usa a ética conturbada e caótica que os regem. O inferno, visto na sociedade pelo personagem, passa a constituir e a construir o seu ambiente psíquico, do qual se torna cada vez mais prisioneiro.

No ambiente do inferno, nesse “mundo de cabeça para baixo”, os padrões e as normas de conduta são outros, inteiramente diversos, ambivalentes. E para se adaptar a esse mundo estranho que invade sua realidade psíquica, Luís parece sentir necessidade de esquecer todo e qualquer comportamento moral, ou talvez precise usar outra ética. A própria loucura possui características ambivalentes, e não deve ser encarada com os olhos da normalidade. Hill (1987), faz referência a outro autor chamado Gerrard Winstanley, ao reconhecer que os demônios e as formas assustadoras vistos por um homem bem podem *brotar da angústia de sua consciência internamente atormentada e refletir seus próprios desejos e paixões*. (HILL, 1987: 184). Dessa forma, o personagem Luís da Silva rege suas atitudes e condutas pelo viés de uma ética própria ao ser dominado pelas suas

visões infernais da sociedade; das pessoas com quem convive, e de si próprio. Sua “consciência internamente atormentada” permite o assassinato como uma forma desesperada de resgatar suas feições humanas perdidas nas profundezas de sua danoção psíquica, e, dessa maneira, tentar reverter sua crise interna, recheada de paixões por Marina, ódio a Julião Tavares, e indignação pelas injustiças sociais.

Antes de cometer o crime, Luís dá indícios de seu ato ao mencionar que Julião seria enforcado:

– Daqui a dez anos, terei esse ordenado?

E Julião Tavares? Julião Tavares estaria expatriado, fuzilado, enforcado. **Enforcado Julião Tavares, enforcado..** (RAMOS, 1983: 124). (Grifo meu)

Nessa passagem, ao imaginar uma revolução que desbancaria a classe dirigente, Julião seria enforcado. E a necessidade de matá-lo vai se fortalecendo cada vez mais, ao descobrir a gravidez de Marina, e ao perceber a possibilidade de repetição desse fato com outras mulheres, como a secretária de olhos agateados. O ódio de Luís torna-se incisivo em seus atos e pensamentos:

Necessário que ele morresse. Julião Tavares cortado em pedaços, como o moleque da história que seu Ramalho contava. Logo me aborrecia da tortura comprida. Nojo, medo, horror ao sangue. Julião Tavares morreria violentamente e sem derramar sangue. Em sonhos ou acordado, vi-o roxo, os olhos esbugalhados, a língua fora da boca. Pensei muitas vezes nos bíceps do homem acaboclado que ensinava capueira ao rapaz, no alto do farol. Por uma aberração, imaginava que aqueles músculos eram meus. (RAMOS, 1983: 145).

Dessa forma, Luís desenvolve seu processo de revolta e de tentativa de libertação do sistema através do assassinato, sem perceber que o ambiente repulsivo identificado na sociedade continuará cada vez mais presente e próximo de uma imagem dantesca de inferno nas entranhas de seu psiquismo. O ato criminoso é desencadeado no momento em que seu Ivo, um pedinte alimentado por Luís, lhe traz de presente uma corda. O personagem percebe-se perturbado e irritado com seu Ivo, justamente porque sente um desejo forte de aniquilar com a vida de Julião, mas não se mostra ligado às camadas

populares, não tenciona levantar a bandeira dos desfavorecidos. Luís possui um desejo de “revolução”, mas se sente impotente e fraco para essa tarefa, além de não possuir afinidades com as massas populares. Uma “rebelião” solitária é a saída de Luís ao desejar a morte de Julião Tavares. Quando encontra em um bar alguns membros da classe popular, alguns trabalhadores braçais, o personagem se vê deslocado e sem nenhuma inspiração para comunicar-se com eles. Luís não está em condições de manter um contato com o mundo exterior livre de seus conflitos, nem de relacionar-se com os indivíduos à sua volta, pois seu processo “revolucionário” é pessoal, é ensimesmado, como se só em seu próprio corpo e mente fervilhasse uma rebelião. Essa luta busca incessantemente transcender a tensão existente entre o desejo de alívio, contido nas virtudes de sua humanidade perdida, e o ambiente infernal que a cerca e a ofusca. Mas esse resgate de si próprio mostra-se inviabilizado, principalmente no final do romance.

Enquanto seus atos criminosos contra Julião Tavares se desenvolvem, Luís vai se tornando cada vez mais ensimesmado, vivenciando profundamente a realidade psíquica contida em seu inconsciente. Conseqüentemente, o personagem “perde”, aos poucos, o contato com a realidade efetiva, com seus espaços concretos e tempos cronologicamente mensuráveis. Começa a reinar fortemente o tempo e o espaço psicológicos:

Apareceram vozes na estrada. **Vozes? Ou seria que eu estava tresvariando? Alucinação.** Não queria acreditar que pessoas normais se avizinhassem de mim sossegadamente. Agarrava-me com desespero à corda. (RAMOS, 1983: 202).

**Quantos metros teria percorrido?** Estava certo de que homens e mulheres me acompanhavam. Tinham passado por baixo da árvore, visto o homem enforcado, iam encontrar-me e denunciar-me. **A gargalhada e a frase da mulher atazanavam-me.** (Grifo meu). (RAMOS, 1983: 207).

O corpo todo estava sujo, mas o que mais me preocupava eram os cabelos e as mãos. **O banho durou uma eternidade. Que horas seriam?** Não me viera a idéia de olhar a parede da sala de jantar. (RAMOS, 1983: 213).

Luís identifica-se com o próprio demônio que acreditava viver no comerciante, mesmo ao tentar aniquilá-lo dentro de si mesmo através do assassinato, sem se dar conta

de que essa imagem monstruosa o perseguirá ainda mais. Além de cometer um ato criminoso e repulsivo de acordo com um conjunto de valores morais socialmente insti- tuídos, Luís parece amoldar-se ainda mais à imagem e semelhança do diabo ao atentar contra os próprios privilégios sociais da classe dirigente representada pelo comerciante. Luís da Silva poderia ser considerado como um monstro perigoso ao cometer o crime, por se posicionar contra as regalias sociais e os valores de Julião Tavares.

Nesse momento, Luís parece aproximar-se daquela imagem desenvolvida duran- te e depois da Revolução Francesa, na qual a figura do pobre desvalido assume propor- ções assustadoras por representar ameaça aos privilégios sociais de poderosos. Apesar de nunca ter ameaçado efetivamente a ordem e o “status quo”, e sim os avalizado duran- te todo o seu trabalho como intelectual, Luís, no instante do assassinato, ainda não reverte essa situação, mas atenta contra a vida de um representante dessa elite dirigente e tudo que ela significa, desencadeando, assim, profundas mudanças não na sociedade, mas em seu psiquismo.

No final do romance, a realidade efetiva vai ficando relativamente mais distante para Luís ao perder espaço para seu ambiente psicológico, pois o personagem não en- contra mais condições e estruturas para reprimir suas subjetividades e facetas mais som- brias. Esse processo culmina em um estado febril e alucinatório, que permite um conta- to mais intenso de Luís com seu inconsciente, ao mesmo tempo em que o distancia, aparentemente, do mundo real e de suas relações sociais percebidas como opressoras. Sendo assim, Luís tenta realizar uma “libertação” de sua voz intelectual e de sua condi- ção de explorado, através de um ato demoníaco como o crime de morte. Mas o que é liberto nesse processo seria uma imagem de monstro contraditório em suas atividades e atitudes intelectuais, identificando Luís com a figura do diabo libertado do cárcere, cujas grades seriam as estratégias de manutenção do sistema vigente. Nesse momento, o con- tato com o mundo exterior torna-se uma “réstia” cada vez mais fraca para Luís:

**A réstia descia a parede, viajava em cima da cama, saltava no tijolo – e era por aí que se via que o tempo passava. Mas no tempo não havia horas. O relógio da sala de jantar tinha parado. Certamente fazia semanas que eu me estirava no colchão duro, longe de tudo. (RAMOS, 1983: 226). (Grifo meu).**

Eu escorregava nesses silêncios, boiava nesses silêncios, como numa água pesada. Mergulhava neles, subia, descia ao fundo, voltava à superfície, tentava segurar-me a um galho. Estava um galho por cima de mim, e era-me impossível alcançá-lo. Ia mergulhar outra vez, mergulhar para sempre, fugir das bocas da treva que me queriam morder, dos braços da treva que me queriam agarrar. (Grifo meu). (RAMOS, 1983: 226).

Luís da Silva parece perder o contato com a realidade efetiva em um primeiro momento, mas seu ambiente psíquico conturbado mostra-se recheado de imagens do mundo exterior. O personagem não consegue resgatar-se como ser humano e nem encontrar alívio ou conforto nesse mundo interno, pois seu psiquismo fora construído ao longo de toda a sua vida em contato com os conflitos e violências dessa realidade social. O ambiente de danação identificado na sociedade continua existindo no mundo psicológico de Luís, que parece ter chegado então às portas de seu inferno particular, no labirinto confuso de seu inconsciente perturbado, onde tenta “fugir das bocas da treva” que o “queriam morder, dos braços da treva” que o “queriam agarrar”. Esse estado de danação psíquica tenta sugar o personagem para si e aprisioná-lo, como se fosse um monstro faminto a devorar e consumir sua alma.

A passagem dantesca acima ilustra a perseguição de Luís por imagens demoníacas, e seu desespero ao se perceber semelhante a um senhor das trevas. Luís “ia mergulhar outra vez, mergulhar para sempre” no abismo de si mesmo para fugir das suas feições monstruosas, como se suas virtudes humanas ainda estivessem, talvez, vagando perdidas em instâncias mais profundas. Mas os mergulhos “nesses silêncios”, nessa “água pesada”, não revelam nada além de confusões, desconfortos, desespero e caos. Segundo o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, a “água”

Pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irreduzíveis, e essa ambivalência se situa em todos os níveis. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988: 16).

Sendo assim, Luís talvez pudesse resgatar-se como ser humano através das qualidades renovadoras contidas nessa *água pesada*, mas só encontra o que existe de salobro

nas profundezas desse meio fluido.

O personagem, durante seu percurso como intelectual, passa pelos caminhos do inferno criado pelos homens para se atormentarem uns aos outros, até chegar em sua danação particular mais densa e profunda que “conquistara” para si, onde os demônios e as formas assustadoras parecem brotar da angústia de sua “(in)consciência” atormentada. No final do romance, Luís depara-se com uma imagem de si mesmo deformada e confusa, expressa por uma linguagem inserida na ética da loucura, em um espaço psíquico conturbado e nada confortável ou acolhedor. E como esse caos possui uma lógica específica, a linguagem da narrativa, nesse epílogo, reflete esse ambiente recheado de figuras móveis, de uma plasticidade onírica e visões alucinatórias. Por fim, a “peregrinação” solitária deste intelectual que deixa fluir sua vida, seu corpo e sua alma neste mergulho no inferno, atravessando um mundo hostil em direção a outro mais subjetivo e não menos conflituoso, termina após percorrer os caminhos da angústia, da revolta, e de uma libertação frustrada, ainda aprisionada no cárcere de seus desejos.

Já em *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, o contexto histórico da época era conturbado, caracterizado pelo poder arbitrário e tirânico que o governo dos anos 30 exercia. E nesse ambiente perigoso, qualquer acusação fortuita poderia significar uma passagem para o inferno. Graciliano personagem exemplifica isso ao citar o caso do marinheiro Tiago, embarcado em um navio inglês, que quis passear no Rio de Janeiro e foi preso, porque, ao reclamar do preço alto de uma corrida de táxi, acaba sendo acusado de comunista em público pelo motorista.

Outro exemplo é a própria saga do personagem que, alojado em um quartel de Alagoas, vai para o porão de um navio, em companhia de criminosos comuns, e passa de um lugar para outro, do Pavilhão dos Primários à Casa de Correção, daí à Colônia Correccional na Ilha Grande e, por fim, é restituído ao presídio da Detenção no Rio de Janeiro. Esse percurso labiríntico de características kafkianas é percorrido sem que Graciliano saiba informações a respeito de sua acusação, e sem oportunidade de defesa, ilustrando uma sociedade brasileira submetida a severas regras tirânicas e punidoras sob qualquer suspeita. Fica aí, também, caracterizada nessa sociedade, a idéia de que o infer-

no é aquele criado pelos homens para atormentarem-se uns aos outros no mundo terreno mesmo.

O personagem de *MC* descreve suas visões do inferno nos vários ambientes carcerários pelos quais passou, como no navio-prisão, por exemplo, onde convive com pessoas abjetas transformadas e transtornadas pelo próprio meio ambiente pútrido no qual chafurdavam. Esse processo é ilustrado por Graciliano quando descreve a cena que o persegue e atormenta como um pesadelo obscuro: a de um negro jovem, inteiramente nu, arranhando os escrotos, como se ali não tivesse mais ninguém. A indignação acaba por enfurecer o personagem contra si mesmo:

O animal nem tinha consciência de que nos ofendia. E os dedos esticavam sem cessar a pelanca tismada. No clima de inferno tudo se evaporava – e sentia-me sujo: certamente partículas da imundície me alcançavam. O meu desejo era gritar injúrias pesadas, finalizar por qualquer meio a sórdida exposição. Não me atrevia a desabafar: o hábito de coibir-me, a fraqueza, o cansaço amarravam-me – e sobre o monturo oscilante, o que de mim restava era um morno fastio, desejo de acabar-me. (RAMOS, 1º volume, 1975: 127).

Nessa passagem, o ambiente do navio-prisão afetava imensamente o personagem, que reagia apenas em seus pensamentos, em seu mundo interior, em seu inferno particular alimentado pelos tormentos vivenciados nessa prisão. E como a dimensão da loucura traduzida nesse contexto de imagens de puro inferno dantesco não poderia ser encarada com os olhos da normalidade, a ética e as normas de conduta nesse meio obedecem à lógica da insanidade, onde coçar os escrotos completamente nu na presença de platéia seria permitido. Segundo Bakhtin (1987), aquele que a possui (a loucura) é

o rei do mundo às avessas. E compreender o “louco” como uma pura injúria, ou ao contrário como um puro louvor (uma espécie de “santo”), equivale a destruir todo o sentido dessa litania. (BAKHTIN, 1987: 374).

Graciliano tem dificuldades em aceitar o fato de que não se poderia observar àquela cena com os olhos morais e cheios de pudor, e sim com o olhar de quem se coça sem perceber que ofende, pois, para o alienado, tudo é permitido. A tarefa mais dolorosa

para o personagem parece ter sido mergulhar nesse mundo que não era propriamente o seu, ou seja, o da loucura, sem contudo tornar-se um verdadeiro alienado, sem a noção e as referências de sua própria insanidade. O rapaz se coçava num ato deferido por sua lógica moral e ética ambivalente, mas Graciliano considerava-o como repulsivo justamente porque possui um padrão de conduta que estabelece aquilo que deve ser aceitável ou não nas relações socialmente instituídas. E para entender a lógica desse rapaz, o personagem precisava mergulhar com cuidado em sua loucura, nesse mundo às avessas, para não se tornar um alienado de si mesmo e inconsciente da dimensão de sua própria insanidade.

Essa sensação de ambivalência, de um mundo construído sob outras regras, ou sob a ausência de regras, é o que o personagem de *MC* sente ao descrever as diferenças entre os dois mundos - o supostamente civilizado e o outro, o dos condenados, o dos deserdados, o da danação:

Precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima. Dar de beber a quem tem sede. Bem. Mas como exercer na vida comum essa obra de misericórdia? Há carência de oportunidades, as boas intenções embotam-se, perdem-se. Ali me havia surgido uma alma na verdade misericordiosa. Ato gratuito, nenhuma esperança de paga, qualquer frase conveniente, resposta de gente educada, morreria isenta de significação. (RAMOS, 1º volume, 1975: 150)

O ambiente da danação parece ser o próprio mundo da ambivalência, e se desperta, por vezes, sentimentos generosos, também embotam a alma, tornando-a mesquinha, capaz de atos vis. O episódio do romance no qual o personagem conta como “comprou” a cama de um companheiro de prisão, o Gaúcho, ilustra esse processo: *O sujeito apodera-se de um objeto, declara-se dono e logo o transforma em dinheiro.* (RAMOS, 2 volume, 1975: 112). Depois de feita a “compra”, ou seja, de adquirir um objeto roubado, o personagem é admoestado por outro companheiro do Pavilhão dos Primários, padeiro tuberculoso que, com arrogância, queria saber quem lhe havia dado licença para se deitar naquela cama. Já embrutecido pelo meio, afeito à ausência de regras civilizadas de conduta social, Graciliano revolta-se com a humilhação e decide fazer valer o seu direito

de “propriedade”. Esse episódio marca a adaptação do personagem ao mundo às avessas.

Quase ao final de sua peregrinação por todos os círculos do inferno, já não lhe move nenhum sentimento de solidariedade ao próximo ou compaixão, pois percebe a realidade desse ambiente infernal como “verdades em si”, e não mais “em relação a” padrões de conduta “civilizados” e culturalmente instituídos como verdades absolutas e universais. O personagem, em seu período final no cárcere, não mais julga nem hierarquiza os mundos de forma maniqueísta, percebendo, assim, que o padrão de conduta dos “alienados” ou criminosos não poderia ser de outra maneira senão aquela, pois faz parte de um conjunto de estratégias e de relações de poder necessárias para a própria sobrevivência deles naquele ambiente.

Ao perceber os ditos “sentimentos nobres” como conceitos culturalmente construídos por determinado grupo social e, portanto, como verdades relativas e inventadas para o julgamento do homem pelo próprio homem, o submundo não mais é visto como “inferioridades”, e sim como uma realidade com ética e lógica próprias. Dessa forma, solidariedade e compaixão não fazem mais sentido nesse ambiente para o personagem que, apesar de suas referências morais, consegue relativizá-las. Semelhante a um personagem de Kafka, Graciliano vê a impossibilidade de se acessar aquele mundo de acordo com os parâmetros da dita “normalidade” da própria cultura que o condenou, e mergulha, sem outra alternativa, na noite de inferno onde impera a lógica do caos.

Ao final do romance *Angústia*, Luís da Silva parece encontrar-se em um presídio, ou em um manicômio. O mundo dos infernos, onde prevalece o caos, a desordem e a confusão, fica caracterizado em seu ambiente de confinamento. Parece que Luís da Silva está encarcerado no submundo do inferno exterior, da sociedade em que vive e, simultaneamente, no submundo de sua mente, onde as visões demoníacas o perseguem com voracidade. Esses dois “infernos” estão intimamente ligados, pois a construção de um baseou-se na existência do outro, ou seja, as perturbações psíquicas de Luís foram geradas enquanto percebia na sociedade injustiças, violências e opressão. Assim sendo, seu inferno psíquico nada mais é do que o reflexo em um espelho, cujas imagens do mundo real são retorcidas e deformadas, de “cabeça para baixo”, como em uma “casa dos

espelhos” onde o intelectual identifica-se e confunde-se com a alteração monstruosa de si mesmo. Luís da Silva perde-se nesse labirinto de espelhos, sem saber qual imagem seria a sua, ou se seriam todas verdadeiras, como máscaras por detrás de outras.

Graciliano personagem também entra em um labirinto, identifica e toma consciência de “monstruosidades” com dimensões demoníacas, mas consegue encontrar a saída a tempo, antes que as “sombras” devorassem suas já enfraquecidas referências. Entretanto, o personagem de *Memórias do Cárcere* sai marcado e cheio de cicatrizes que o farão se lembrar para sempre dessas experiências no plano da loucura e do caos, enquanto Luís da Silva encontra-se ainda perdido entre os reflexos confusos e deformados de si próprio, sem efetivamente recuperar as feições de sua própria identidade.

Pode-se concluir, portanto, que tanto Luís da Silva quanto Graciliano personagem mergulharam a fundo nas instâncias infernais da sociedade em que viveram, e de seus próprios mundos psíquicos, realizando um doloroso percurso como intelectuais e como seres que lutaram para conseguir vislumbrar o que restou de humano em suas próprias imagens.

## Nota

<sup>1</sup> Trabalho realizado pelo PICEL (Programa de Iniciação Científica em Estudos Literários) do UNIARAXÁ

## Referências

---

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução de Hernâni Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira e Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HILL, Christopher. **O Mundo de Ponta-cabeça**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1979.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. São Paulo: Record, 1983.

RAMOS. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record-Martins, 1975.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação. As minorias na Idade Média**. Tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.